

Penha Longa

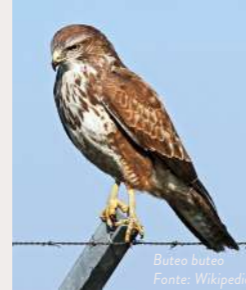
Penha Longa, administrativamente integrada na freguesia de Penha Longa e Paços de Gaiolo, dispõe-se na encosta sul da Serra de Montedeiras, até ao rio Douro, na sua margem direita. Além das zonas de maior concentração populacional e com as principais vias de acesso (lugar de São Sebastião), contempla conjuntos rurais de cariz tradicional, serra - com vegetação rasteira e núcleos florestais, campos agrícolas - amiúde em socalcos - rasgados por cristalinos regatos e, ainda, vertentes ribeirinhas - entre a Barragem de Carrapatelo e a zona da fruição fluvial do lugar de Dajas - repletas de miradouros sobre o Douro e voltados à imponente Serra de Montemuro na outra margem.

Existem vestígios milenares de ocupação do território: da Pré-história (mamoas de Fonte Cova e gravuras rupestres do Monte Eiró), da Idade Média (no Alto das Lamas ou Alto do Castelo - ponto mais alto de Penha Longa com 667m de altitude, pode ter havido um castelo roqueiro) e de épocas mais recentes, sobretudo pelas marcas da arquitetura religiosa (como a Igreja Paroquial de Santa Maria Maior - apesar de já ser citada no século XI - e as Alminhas das Bouças) e pelas casas, solares e quintas que evidenciam a primazia da atividade agrícola de outrora, destacando-se a Casa de Carrapatelo, também pela memória do episódio do assalto feito pela quadrilha de Zé do Telhado no dia 8 de janeiro de 1852.

Penha Longa foi também a terra mais prolífica em termos da construção do barco rabelo, a histórica embarcação à vela que transportava pipas de vinho do Alto Douro, produtos agrícolas e carvão ao longo do rio Douro.

A Fauna

O percurso embrenha-se pelo território de Mamíferos como o Coelho-bravo (*Oryctolagus cuniculus*), a Toupeira (*Talpa europaea*), a Raposa (*Vulpes vulpes*), o Ouriço-cacheiro (*Erinaceus europaeus*) e o Esquilo (*Sciurus vulgaris*). Mais comuns, as Aves, pululam nas diferentes áreas. Nas zonas florestadas, o Gavião da Europa (*Accipiter nisus*), o Chapim-azul (*Parus caeruleus*), o Chapim-rabilongo (*Aegithalos caudatus*), o



Buteo buteo
Fonte: Wikipedia

Pica-pau-malhado-grande (*Dendrocopos major*), a Trepadeira-comum (*Certhia brachydactyla*) e o Gaio-comum (*Garrulus glaudarius*). Em torno dos campos agrícolas, e caminhos rurais o Tentilhão-comum (*Fringilla coelebs*), o Pisco-de-peito-ruivo (*Erithacus rubecula*), a Toutinegra-de-barrete-preto (*Sylvia atricapilla*) e o Melro-preto (*Turdus merula*).

É comum avistar-se a Águia-de-asa-redonda (*Buteo buteo*) e o Milhafre-preto (*Milvus migrans*).

Em volta das linhas e pontos de água há a presença do réptil endêmico da Península Ibérica que é a salamandra-lusitânica (*Chioglossa lusitanica*) e do Sardão (*Lacerta lepida*), entre outros.

Compondo o caráter rural do percurso rebanhos de Ovelha (*Ovis aries*) e Cabra-doméstica (*Capra aegagrus hircus*) e, ocasionalmente, encontram-se colmeias de Abelha-europeia (*Apis mellifera*).



Chioglossa lusitanica
Fonte: Wikipedia

Flora e Vegetação

Pelo percurso, encontram-se em algumas áreas de produção florestal com eucalipto (*Eucalyptus globulus*).

Contudo, o traçado é sarapintado de flora autóctone. Desse caráter nativo, evidencia-se o Carvalho-alvarinho (*Quercus robur*) e o Sobreiro (*Quercus suber*).

Os matagais ladeiam o percurso por vezes, raramente com Tojo-molar (*Ulex minor*), Tojo-bravo (*Ulex europaeus*) ou Codosso (*Adenocarpus spp.*) e mais frequentemente com o predomínio da Giesta-branca (*Cytisus multiflorus*) e da Giesta-das-serras (*Cytisus striatus*).

Em torno dos regatos, na vegetação ribeirinha destacam-se Amieiros (*Alnus glutinosa*) e Salgueiros (*Salix spp.*).

Nos campos agrícolas destacam-se as culturas de milho (*Zea mays*) e, nas bordaduras, as Videiras (*Vitis vinifera*) de ramada cujas uvas produzem o singular Vinho Verde; há pomares, sobretudo de citrinos como Limoeiros (*Citrus limon*), Laranjeiras (*Citrus sinensis*) e Tangerineiras (*Citrus reticulata*) e ainda de Macieiras (*Malus domestica*), Pereiras (*Pyrus communis*) e Marmeleiros (*Cydonia oblonga*) - frequentemente de variedades regionais, entre outras fruteiras que prosperam nesta zona e que compõem a miscelânea de abastecimento familiar.

Os soutos - plantações de Castanheiros (*Castanea sativa*) distinguem-se na verde policromia de Penha Longa. De forma mais esparsa, entre outros, há exemplares de Nogueira-comum (*Juglans regia*), Cerejeira-brava (*Prunus Avium*), Medronheiro (*Arbutus unedo*), Loureiro (*Laurus nobilis*), Bordo (*Acer pseudoplatanus*), Oliveira (*Olea europaea*), Pinheiro-bravo (*Pinus pinaster*).

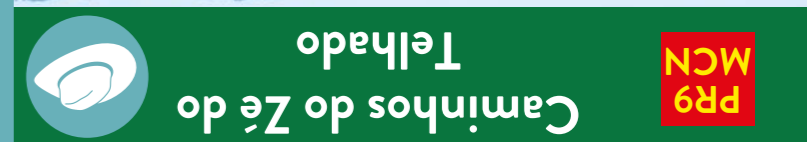


Os Caminhos do Zé do Telhado

A figura do Zé do Telhado foi, durante o século XIX, marcante de toda a zona norte de Portugal. Foi militar e, depois, salteador como chefe de uma quadrilha, ficando conhecido por “roubar aos ricos para dar aos pobres” e por isso recebendo frequentemente o epíteto de “Robin dos Bosques português”. Corria o mês de janeiro de 1852 quando levou a cabo o seu mais badalado assalto, o assalto à Casa do Carrapatelo. O assalto por ter sido perpetrado poucos dias após a morte do dono da casa e ter originado a morte de um dos caseiros, provocou ondas de impacto que se fizeram sentir em toda a região, tendo sido tomadas medidas que levaram à captura de Zé do Telhado. Relacionado com essas medidas, está a gênese da criação do concelho de Marco de Canaveses, por forma a alargar o raio de ação das autoridades locais tendo em vista a sua captura. Preso, na Cadeia da Relação no Porto, Zé do Telhado conheceu Camilo Castelo Branco que sobre ele escreveu no seu livro Memórias do Cárcere.



A memória dos tempos conturbados e da figura de Zé do Telhado dá o mote para um percurso que passa junto à Casa de Carrapatelo, percorrendo um conjunto de caminhos rurais em Penha Longa, onde a proximidade do rio Douro é constante. O percurso aflora também um conjunto de casas e quintas solarengas que fazem parte da memória coletiva deste território. São ainda pontos de interesse a barragem de Carrapatelo e os vestígios de estruturas de apoio àquele que foi o bairro que albergou trabalhadores e técnicos durante a sua construção nos primeiros anos de funcionamento. Nas imediações do lugar das Dajas, há a ligação a outro percurso pedestre, o PR 3 - Caminhos do Rio que, pela freguesia de Sande e São Lourenço, faz a ligação ao Parque de Merendas de Montedeiras, passando junto do palheiro onde Zé do Telhado terá feito a distribuição do produto do assalto à Casa do Carrapatelo.



Entidade Promotora:



Parceria:



Percorso Pedestre registado e Homologado por:



Coordenação técnica, conteúdos e implantação:



SOS: 112

C.M. Marco de Canaveses: 255 538 800

U.F. Penha Longa e Paços de Gaiolo: 255 581 641

Hospital do Marco de Canaveses: 255 538 300

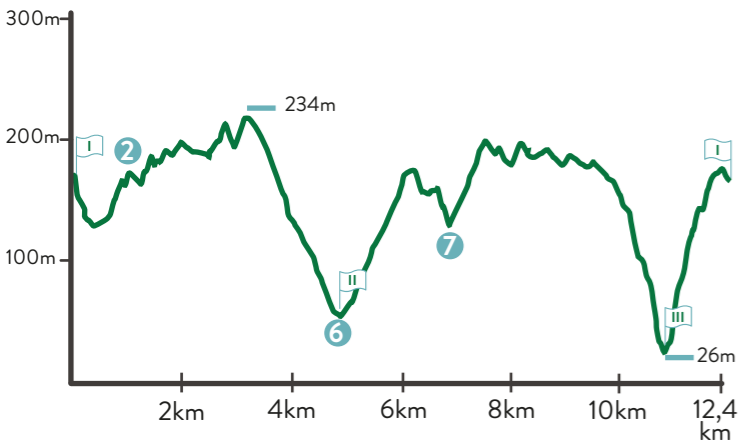
Bombeiros: 255 534 115

GNR Alpendorada: 255 619 420





Perfil de Altimetria



Distância

12,4 km

Duração

4h 30m

Desnível Acumulado



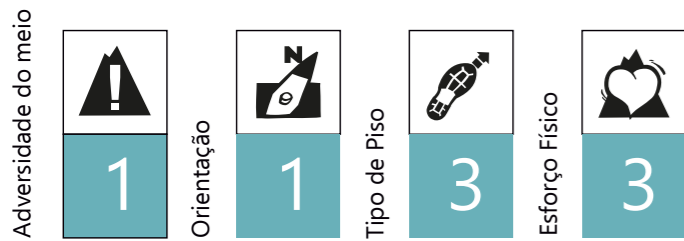
Altitude (Min./Max.)



Grau de Dificuldade

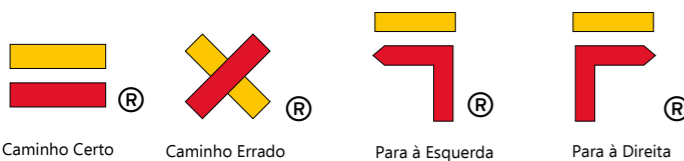
III- Algo Difícil

Cálculo de acordo com MIDE. Cada item está avaliado numa escala de 1 a 5 (do mais fácil ao mais difícil)



Sinalização

As seguintes marcas, existentes no terreno, encaminham ao longo do percurso. Encontram-se em balizas (estacas), postes, muros, rochas e árvores.



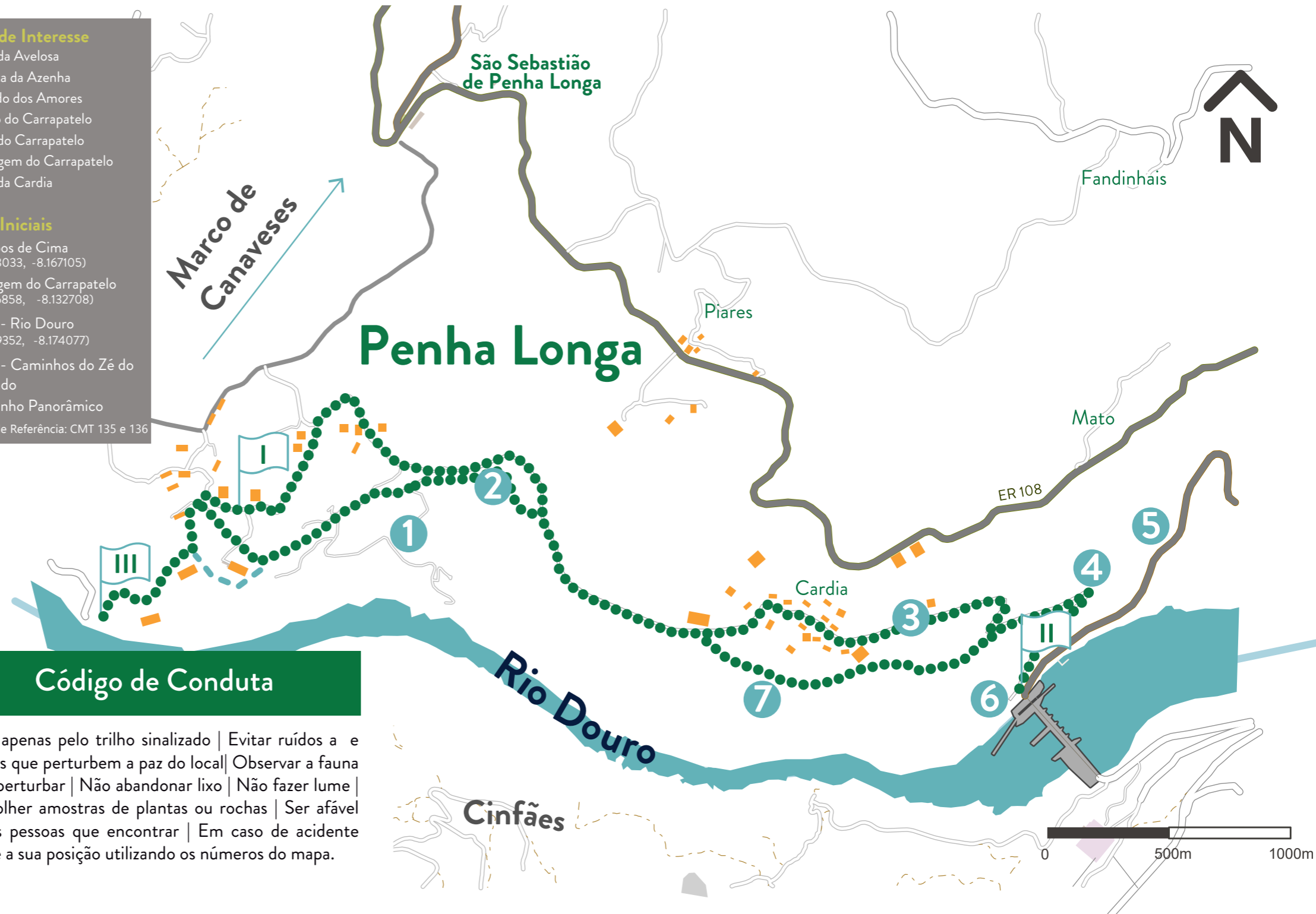
Pontos de Interesse

- 1 Casa da Avelosa
- 2 Quinta da Azenha
- 3 Penedo dos Amores
- 4 Bairro do Carrapatelo
- 5 Casa do Carrapatelo
- 6 Barragem do Carrapatelo
- 7 Casa da Cardia

Painéis Iniciais

- Campos de Cima (41.093033, -8.167105)
- Barragem do Carrapatelo (41.086858, -8.132708)
- Dajas - Rio Douro (41.089352, -8.174077)
- PR9 - Caminhos do Zé do Telhado
- Caminho Panorâmico

Cartografia de Referência: CMT 135 e 136



Código de Conduta

Seguir apenas pelo trilho sinalizado | Evitar ruídos e atitudes que perturbem a paz do local | Observar a fauna sem a perturbar | Não abandonar lixo | Não fazer lume | Não colher amostras de plantas ou rochas | Ser afável com as pessoas que encontrar | Em caso de acidente indique a sua posição utilizando os números do mapa.